



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

GIOVANA SOARES DA SILVA

**TRABALHANDO COM PRECONCEITO E MÍDIAS NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Porto Alegre

2015

GIOVANA SOARES DA SILVA

**TRABALHANDO COM PRECONCEITO E MÍDIAS NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora:

Raquel Usevicius Hahn

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTO

Quero agradecer a Deus pela oportunidade de estudar e aprender cada dia uma nova lição, pois sempre estou em busca de aprendizagens que me ajudem a superar desafios da sala de aula e da vida. E a meus familiares que de certa forma tiveram participação na minha formação pessoal e profissional.

RESUMO

Um projeto realizado com a metodologia de ensino baseada na PBL sobre preconceito em sala de aula. Um tema presente no contexto escolar e em toda sociedade. Porém pouco desenvolvido em sala de aula, pois é praticado, vivenciado diariamente mascarado ou não. O preconceito faz julgamento antes de conhecer o ser humano sendo capaz de condená-la até mesmo sem motivo algum. Com essa pesquisa bibliográfica qualitativa de um estudo de caso com duas turmas de 8º Ano do Ensino Fundamental da Educação Básica numa EMEF de Cachoeirinha é possível perceber a aprendizagem ativa do aluno, ao desenvolver o projeto " Combate ao preconceito". Oportunizando ao aluno reflexão sobre sua vivência, e a prática do preconceito mostrando a motivação dos alunos ao participarem e desenvolverem o projeto utilizando mídias na sala de aula.

Palavras-chave: Preconceito. Aprendizagem Baseada em Projetos. Ensino Religioso e Diversidade. Mídias.

Working with Prejudice and Media in Elementary Education

ABSTRACT

A project carried out with the teaching methodology based on PBL about prejudice in the classroom . A theme in the school context and in every society . But undeveloped in the classroom as it is practiced , experienced daily masked or not. Prejudice makes judgment before knowing the human being able to order it even for no reason. With this qualitative literature review of a case study with two groups of 8 Elementary School Year Basic Education in Cachoeirinha EMEF it is possible to realize the active student learning , to develop the project " Combating prejudice." Providing opportunities for students to reflect on their experience and the practice of showing bias motivation of students to participate and develop the project using media in the classroom .

Keywords: Prejudice . Basead Learning Projects . Religious diversity and education.
Media.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
PBL	Aprendizagem Baseada em projeto (Project-Based Learning)
TIC	Técnoologia de Informação e Comunicação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O QUE É PRECONCEITO	11
2.1	O PRECONCEITO NA COMUNIDADE.....	14
2.2	O PRECONCEITO NA ESCOLA	17
2.3	O PRECONCEITO NA SALA DE AULA	19
2.4	O PRECONCEITO NAS FESTAS DA ESCOLA.....	23
3	METODOLOGIA DE PESQUISA	25
4	PBL (<i>PROJECT-BASED LEARNING</i>).....	26
5	ESTUDO DE CASO DO PROJETO “COMBATE AO PRECONCEITO” ...	29
5.1	AS MÍDIAS NA SALA DE AULA.....	37
6	CONCLUSÃO.....	42
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

O preconceito tem estado presente diariamente no contexto escolar e na sociedade em que o ser humano esta inserido, sendo ele um conceito pré-concebido por alguém sobre uma outra pessoa, gerando desprezo, ressentimento, discriminação e racismo em pessoas semelhantes, mas que não estão inseridas no mesmo grupo de convivência.

Esta pesquisa foi baseada num estudo de caso que trabalhou com projeto “ Combate ao preconceito” desenvolvido com adolescentes das turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental do município de Cachoeirinha no estado do Rio Grande do Sul por uma professora de Ensino Religioso e Diversidade. A pesquisa aborda a importância da participação dos alunos no processo de construção e elaboração do conhecimento através da aprendizagem baseada em projetos, PBL.

Nela é possível perceber a colaboração das mídias na sala de aula para alcançar os objetivos visados pelo projeto, estimulando a discussão, a interação e reflexão sobre o tema preconceito, na escola. Estimulando ação consciente dos mesmos ao enfrentarem ou vivenciarem situações que estimulem o preconceito procurando modificar esta prática.

A mídia de telecomunicação tem mostrado várias abordagens que revelam diferentes recortes da sociedade pluralista que estamos inseridos sobre o preconceito. Os adolescentes buscam a aceitação do outro, e para estarem inseridos num grupo eles podem até passar por cima de seus próprios ideais e valores familiares aprendidos na infância. Almeida faz essa afirmação quando diz: "...Algumas pessoas chegaram " no limite": trocaram de lado. Assumiram em suas vidas valores, hábitos e comportamentos copiados dos personagens de televisão".(ALMEIDA, 2005, p. 93)

Embora seja um conceito, o preconceito, está presente na família, na escola, na sociedade, na mídia, nos meios sociais e de comunicação, e em vários contextos, ele não é abordado de maneira que leve o sujeito a refletir sobre o assunto. Pois é visível que o preconceito existe carregando consigo a discriminação e o racismo. No cotidiano escolar o preconceito acontece no recreio, na sala de aula, nos corredores, por isso precisa ser trabalhado e discutido na escola de uma maneira que leve o aluno a refletir sobre o assunto e nada melhor do que a própria vivência dos alunos, quem melhor do eles mesmos para falar sobre o preconceito que já sofreram ou que vivenciaram alguém sofrer.

Neste trabalho de pesquisa é revelado como a disciplina de Ensino Religioso e Diversidade abre espaço desenvolver, trabalhar, debater sobre o preconceito, onde e como é praticado na sala de aula e na escola.

Ela mostra a definição de preconceito, tendo uma visão clara de como o preconceito é vivenciado pelos alunos no seu dia a dia dentro e fora da escola. Analisando na pesquisa com referencial teórico bibliográfico como os alunos através do projeto " Combate ao preconceito" puderam construir de forma ativa o conceito de preconceito utilizando mídias na sala de aula.

O objetivo da pesquisa é analisar através de um estudo de caso, como a prática pedagógica do professor ao trabalhar com preconceito pode incentivar a interação e a produção do conhecimento com o desenvolvimento da aprendizagem baseada em projeto, PBL. Através da questão norteadora: Como é possível perceber com ajuda de mídias o preconceito nas turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental?

Com essa pesquisa é possível verificar o desenvolvimento do projeto " Combate ao preconceito", a interação dos alunos, as situações em que os alunos sofrem e praticam preconceito na escola, e na sala de aula e na comunidade que estão inseridos.

Organizada primeiramente definindo o conceito de preconceito exibindo como ele esta presente na comunidade, na escola, na sala de aula e na festa da escola. Mostrando assim varias informações sobre o tema ao qual o aluno vivência antes de estudar esse conceito.

Com a metodologia de referencial teórico bibliográfico é fundamentado a PBL, a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem, a importância da utilização das mídias na educação através de um estudo de caso

E finalmente a conclusão da pesquisa que fundamenta seus análises e responde a questão norteadora desta pesquisa.

2 O QUE É PRECONCEITO

O ser humano sempre esteve inserido em alguma sociedade e esta como todas as demais estão mergulhadas em seus costumes, suas tradições culturais, religiosas, familiares e pessoais. Dentro da sociedade existem várias culturas que estão cada vez mais diferentes uma das outras, no entanto cabe a cada cidadão respeitar as suas e as demais para viverem em harmonia.

Nas escolas se encontram alunos de uma sociedade pluralista e diversificada com inúmeras semelhanças e diferenças dentro de seus valores e de sua educação familiar, mas todas devem respeitar e tem a liberdade de expressão garantida pela nossa Constituição Federal.

Os alunos que chegam as escolas trazem em sua bagagem conhecimentos e vivências que foram construídos em sua família e no meio que viviam antes de estar no espaço escolar. Por isso observamos como os alunos precisam aprender a interagir com regras e rotinas de uma escola.

O ambiente familiar parece ser o primeiro e o mais significativo para a internalização de valores, criação de hábitos e de aprendizagens variadas. Quanto mais estimulador for esse ambiente, mais ele influi na transformação dos processos elementares em superiores; em contrapartida, quanto mais conflitivo, mais carente de afetividade, maiores problemas trará à criança em formação. De qualquer forma, as influências do ambiente familiar, adicionadas àquelas extraídas do contexto sócio-cultural, permitem que ela vá construindo todo um saber e se constituem nos alicerces das primeiras aprendizagens. (NEGRINE, 1994, p. 29).

Diante desta realidade o preconceito na escola, que embora não apareça de forma acentuada na educação infantil, no ensino fundamental esta mais gritante, esta magoando, deixando pessoas com baixa auto - estima, pois são capazes de se punir, de se machucar e outras que conseguem superar esses conflitos, mas também existe aqueles alunos que não se manifestam e simplesmente se isolam ou se calam.

O preconceito é algo que esta dentro das escolas com ou sem máscaras. Mas o que de fato é preconceito. Segundo Houaiss (2001), "preconceito é opinião ou sentimento preconcebido formado sem suficiente conhecimento". Isso quer dizer que é formado um

conceito de alguém sem ao menos a conhecer, julgamos ela e culpamos sem ter intimidade ou conhecimento profundo dela.

Mas o que de fato alimenta o preconceito e o que colabora com sua existência? "[...] o preconceito, em última análise, é o combustível da discriminação" (SANTOS, 2008, p. 37). Na realidade o que vemos no cotidiano escolar, na sociedade em que vivemos é que o preconceito é alimentado, ou seja, tem como combustível a discriminação de um ou de outros grupos.

Segundo a Constituição Federal, Lei maior do Brasil, no artigo 5º que tem por título os direitos e garantias fundamentais dos direitos e deveres individuais e coletivos deixando claro que todos os seres humanos são iguais perante a lei, sem qualquer discriminação ou preconceito, tendo inclusive o racismo como um crime inafiançável e porque não dizer que o preconceito e ou a discriminação assim também o são.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, é um documento que foi traduzido em mais de 360 idiomas. É considerado um marco na história da humanidade por zelar pelo direito universal da humanidade que serviu de inspiração para novas constituições de estado e democracias de diversos países. Nela todo ser humano é visto como um ser livre, igual em dignidade e direitos. Isso quer dizer que todo ser humano é igual perante a lei, tendo os mesmos direitos e dignidade.

A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, define os crimes de que são resultantes de discriminação e ou preconceito de raça e de cor, que atingem muitos cidadãos brasileiros que são discriminados. Onde esta diz que se for praticada contra um menor o preconceito ou discriminação a pena de punição é agravada em um terço, também inclui a prática, a indução, a incitação a discriminação ou preconceito de raça, de cor, de etnia, de religião ou procedência nacional. Na realidade a lei esta dizendo que quando ocorre preconceito ou discriminação com um menor a pena é agravada ao cidadão que praticou tal ato. Além desta temos a Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997, que inclui a injúria fazendo alterações no artigo 1º e 20º da lei anterior.

O ser humano independente de sua cidadania nacional precisa viver em sociedade respeitando, exigindo e buscando o cumprimento de seus direitos e assim como os das demais pessoas, pois para exigir os seus direitos cada cidadão precisa respeitar e colaborar com o direito dos outros. As crianças não nascem com o preconceito, mas aprendem, vivenciam em sua infância, nas famílias, nos meios sociais que vivem.

A criança de um grupo dominante não nasce com uma tendência inata para agir ou se comportar de forma discriminatória. Esse tipo de comportamento é adquirido durante sua socialização e se manifesta, sobretudo, na idade escolar, onde aprende algo que se chama o seu *lugar social*. Ela aprende que esse lugar não pode ser dividido igualmente com grupos aos quais não pertence socialmente e que não deve *misturar-se* com eles. Ao longo de seu crescimento, pode representar para si mesma as justificativas aparentemente racionais para tornar legítimo o comportamento discriminatório. A essas justificativas que são opiniões, crenças e atitudes negativas em relação aos grupos racialmente discriminados pela sociedade, é o que chamamos preconceitos raciais. Não há, pois, discriminação sem preconceito, mas pode haver preconceito sem discriminação. (SANTOS, 2008, p.37).

O preconceito continua existindo na sociedade, na escola, na sala de aula, pois os alunos estão inseridos num meio social, vivem conectados em redes sociais que colaboram incentivam o preconceito e a discriminação criando imagens do belo que não temos em nossa realidade, fazendo com o que não é belo seja excluído às vezes. O que diferencia preconceito e discriminação afinal?

Daí a diferença básica entre preconceito e discriminação consiste no caráter atitudinal do primeiro e no caráter comportamental do segundo. As leis que proíbem a discriminação não podem coibir e eliminar os preconceitos dos quais os indivíduos são portadores como opiniões, crenças e atitudes negativas sobre os grupos discriminados. Dizemos que os preconceitos são *subjetivos* e não tem a *materialidade* dos atos discriminatórios. Como são aprendidos durante o processo de socialização, podem ser extirpados ou minorados pela educação. (SANTOS, 2008, p. 38).

A escola desempenha um papel especial na formação da cidadania de cada estudante que passa por ela, pela sala de aula, pelos corredores, pelas bibliotecas etc. O educador precisa dar-se conta do quanto é importante trabalhar temas simples como o preconceito que esta presente no cotidiano escolar e que esta além da sala de aula.

E, além disso, deve observar a realidade e o contexto que esse aluno esta inserido, sua comunidade, a escola, a sala de aula, pois ele faz parte desta comunidade local, da escola e da sua sala de aula e isto deve ser levado em consideração no desenvolvimento dos trabalhos

realizados com o aluno. Conforme a afirmação que diz: "Tecer redes de conhecimento na escola significa assumir à ética da interação e da colaboração entre alunos, professores, funcionários, dirigentes e comunidade". (ALMEIDA, 2005, p. 72). A escola valoriza o que os alunos já sabem e ao mesmo tempo todos interagem no processo de construção do conhecimento.

2.1 O PRECONCEITO NA COMUNIDADE

O ser humano não vive sozinho, ele necessita de outros seres humanos para se desenvolver e sobreviver, ou seja, é um ser gregário, ele não consegue se desenvolver e sobreviver sozinho. Cada sujeito tem uma família, primeiro grupo social, que participa e colabora para o desenvolvimento de suas habilidades de socialização, que zela pela garantia de necessidades básicas de sobrevivência e com ela carrega aprendizagens de valores, virtudes e crenças que futuramente serão socializadas e vivenciadas com outras famílias, com valores e crenças diferenciadas das suas e que o prepararão para conviver com outros grupos sociais como a escola.

As pessoas não herdam, geneticamente, ideias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação. Elas se tornam racistas, preconceituosas e discriminadoras no seu convívio social, em diferentes grupos e, de modo muito particular, na família, situação, muitas vezes , fortalecida pela escola. (SANTOS, 2008, p.145).

As famílias tem diferentes estruturas, não tem a mesma forma, nem os mesmos valores, as mesmas crenças, elas sofrem alterações conforme os relacionamentos conjugais, contextos culturais e mudanças sociais ao qual participam. Porque segundo Rosa (2004, p. 129) ” o desenvolvimento pleno do ser humano depende de aprendizagens que ele realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua espécie”. Confirmando assim a complexidade do ser humano como um ser gregário, pois suas aprendizagens estão realcionadas com o meio social que ele convive. Ele também afirma que a linguagem começa com a interação do sujeito com os outros, sua relação interpessoal, desenvolvendo assim toda sua linguagem e desenvolvimento social.

A comunidade local onde a escola esta localizada, o que tem em sua redondeza influencia no processo de cidadania. Nessa comunidade têm quatro escolas públicas, postos

de saúde e um pronto atendimento 24 horas, um ginásio municipal de esportes, e praças de entretenimento e lazer.

Grande parte dos alunos moram na redondeza da escola, há poucos casos na escola de alunos que moram noutros bairros.

O interessante que mesmo sendo moradores do mesmo bairro, estando na mesma escola ou até mesmo na mesma sala de aula, demonstram o entendimento do que é preconceito somente quando sofrem e são vítima dele. Todavia ele não é percebido quando causam ou manifestam o preconceito nos outros. Apesar de não gostarem de sofrer, quando o mesmo é praticado com outra pessoa, não tem o mesmo valor e até deixa de ser preconceito chegando a ser visto como uma simples brincadeira.

Pelas falas dos alunos na escola o preconceito não é diferente do que é visto em nosso país pluralista com uma vasta diversidade cultural e religiosa. Pois eles falam que sofrem preconceito devido a roupa que usam, conforme sua maneira de falar e agir, além disso fica acentuado se isso estiver relacionado com o lugar onde moram " o beco", nas áreas invadidas do bairro ou da vila. Torna-se mais relevante quando o mesmo é manifestado pela cor, mesmo que em forma de deboche; é praticado como sendo algo normal entre idosos, adultos, adolescentes e crianças da comunidade local. Por isso Santos (2008) afirma que: A escola precisa saber conduzir a novas formas das pessoas interagirem e se comunicarem, envolvendo outros sujeitos além de professores e alunos, como pais, funcionários, comunidade local. Para garantir o diálogo e respeito entre as diferenças sociais, étnicas e culturais que a comunidade vivencia no seu cotidiano a escola precisa manter uma relação saudável com a comunidade, onde esta participa e interage com a escola.

No ensino público um dos maiores desafios é manter a relação efetiva entre escola e comunidade. Pois os pais participam pouco dos eventos, reuniões e festas. Quando a escola solicita nas palestras, reuniões, na entrega de pareceres ou avaliações poucos pais comparecem. Geralmente a representação dos pais e responsáveis de alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental é mais presente; porém com o tempo a presença desses e suas colaborações se perdem gradativamente. Perdendo assim a oportunidade de colaboração da comunidade e das famílias da localidade participarem e manifestarem suas opiniões e reivindicações.

Onde é visível o alto índice de participação da comunidade na escola geralmente é na Festa Junina ou Julina conforme o mês que ela acontece, junho ou julho, pois é uma festa que

envolve toda comunidade escolar e local, pois nesta festa é possível arrecadar fundos financeiros para colaborar com obras, reformas na escola ou comprar materias que com o orçamento destinado a escola as vezes não é possível adquirir. Os próprios alunos reclamam da festa junina ou julina; porque tem que pagar para participar das brincadeiras por exemplo, eles se envolvem pouco, acham que podia ser melhor, falam que as festas das outras escolas da redondeza são melhores. Eles não percebem que eles são que fazem e organizam a festa de fato e que para ela melhorar precisam se envolver mais nesse processo. O mesmo acontece quando reclamam da escola, dos vidros quebrados, do quadro, da quadra que tem o telhado quebrado, a comunidade e os alunos precisam participar se envolver e cuidar deste espaço que é utilizado por eles.

A comunidade necessita envolver-se mais no contexto escolar, pois ela também tem uma função primordial na formação da cidadania de cada sujeito que chega na escola, pois a comunidade é formada pelas famílias, primeiro grupo social, que cada sujeito participa e que de maneira geral é onde o aluno recebe as primeiras orientações, ensinamentos, valores para se relacionar com outras pessoas durante sua vida. No ambiente familiar nos dias de hoje o diálogo tem diminuído devido a era digital que participamos atualmente, praticamente todos vivem conectados. O fato é que não existe família perfeita, cidadãos perfeitos, mas é necessário que todos saibam respeitar e conviver em paz independente dos valores e diferenças que cada um possui.

A família tem um papel fundamental na criação de seus filhos, ou seja, ela também participa do processo de cidadania dos seus filhos. E precisa dialogar com seus familiares o que as redes sociais e os meios de comunicação tem mostrado a comunidade.

Cabe à família, antes da escola, ajudar os filhos a desenvolver leitura crítica dos meios de comunicação. Há “ estranhos no ninho”, “inimigos íntimos” que chegam a casa pela televisão e pela internet. É um poder de influência sobre as pessoas do qual ainda não nos demos conta suficientemente. Trata-se, com efeito, de nova forma de socialização básica, para além das instituições clássicas da família e da escola. Por meio da mídia, o sujeito tem acesso a valores, concepções de mundo as mais diversas, fato que outrora dificilmente ocorreria, seja pelo controle das famílias sobre os relacionamentos de seus filhos, seja pela pura falta de oportunidade de contato com a informação. (VASCONCELLOS, p. 207, 2009)

A família colabora com a formação do sujeito e não pode ficar sem participar desse

contexto. Cada família tem seus valores e participam, formam a comunidade local onde a escola está localizada, por isso não é possível trabalhar com um aluno sem levar em conta seus valores e sua cultura, porém existem outros valores, outras culturas que estão inseridos na mesma comunidade que precisam ser respeitados assim como os seus.

2.2 O PRECONCEITO NA ESCOLA

Na escola não é diferente do que vivenciamos na sociedade e na comunidade local, pois os alunos participam, convivem na sociedade e suas famílias também. Embora seja comum, e não esteja certo o preconceito e a discriminação estão presentes, mascarados ou não. Quando falamos mascarado, afirmamos que o preconceito existe, embora não seja claro, ou até manifesto, ele existe, por exemplo, alguém sofre o preconceito, alguns são contra, porém não interferem deixando as coisas como estão, ou seja, está internalizado na cultura local. Quando ele não é mascarado o opressor tem o apoio dos companheiros que fortalecem o preconceito, porém os que não são a favor, não colaboram e procuram solucionar, ajudar a resolver o conflito existente.

Na escola o preconceito é vivenciado em grupos, em turmas e também individualmente entre meninos e meninas. Simplesmente é realizado um julgamento sem conhecer o outro podendo até se tornarem inimigos, pois ambos os lados alimentam o preconceito. Os adolescentes vivenciam momentos em que não têm definido claramente o que querem, ou seja, o que são de fato; crianças ou adultos, e isso muitas vezes colabora para criação de grupos que podem ou não acentuar o preconceito entre eles.

Na escola durante o recreio, intervalo dos alunos, é possível perceber que os alunos das séries finais do ensino fundamental, do 6º Ano ao 9º Ano, andam em grupos de afinidades, de salas, de parcerias que normalmente estão ligados por afinidades, amizades bastante fragilizadas, porque hora são amigas e noutro momento deixam de ser, por motivos banais ou situações mal resolvidas, fofocas, etc...

Geralmente os casos, conflitos são discutidos em sala de aula com o professor quanto tem muita relevância na turma ou no grupo. Entre alunos, com a orientação escolar, em reuniões com pais e responsáveis quando é mais pessoal. Por isso a escola precisa oportunizar

aprendizagens significativas na sala de aula, pois: "Difícilmente um aluno ou uma aluna pode ser responsável e aceitar as ideias dos outros se não exercitou em modelos que lhe obriguem a atuar sob estes princípios". (ZABALA, 1998, p. 117).

Na escola os alunos permanecem diariamente quatro horas do seu dia, ela precisa ser um ambiente laico, pluralista que respeite e interaja com a diversidade e diferenças existente nas pessoas que nela chegam buscando conhecimento onde terão um convívio durante anos para poderem participar de maneira ativa na sociedade.

Quando se debate com a turma sobre preconceito, conseguem ouvir, discutir, falar e compreendem o que esta sendo falado, inclusive conseguem colocar-se no lugar do outro. Mas, às vezes na prática não é assim. E isso ocorre do início ao final do Ensino Fundamental. Pois quando se realizam os debates eles percebem o problema, sabem a solução, porém não praticam, ou seja, na realidade, querem fazer, mas não conseguem. Como ser ou fazer diferente do grupo que se está inserido, e vir a ser um careta, alguém sem grupo.

A aprendizagem dos conteúdos atitudinais, no entanto, requer uma reflexão mais profunda a respeito das relações que neste caso estão determinadas tanto pelas características gerais destes conteúdos - dada a importância que tem seu componente afetivo - como pelos traços próprios de cada um dos valores, atitudes e normas que se propõem. (ZABALA, 1998, p.105).

A escola necessita participar e ocupar seu espaço na comunidade local e sociedade ao qual esta inserida, pois ela tem um papel fundamental na formação do caráter, ou seja, da cidadania, dos alunos, dos sujeitos que por ela estão passando diariamente nos seus anos de existência.

[...] Se a opção da escola é a formação integral da pessoa e um dos objetivos é a educação nestes valores democráticos, haverá que incluir instâncias e processos que permitam que o aluno conheça progressivamente as regras do jogo de uma sociedade democrática e especialmente, que saiba atuar e defendê-la. (ZABALA, 1998, p. 117).

A escola deve oportunizar espaços para os alunos interagirem, discutirem, refletirem sobre assuntos e temas que eles convivem diariamente em casa, na escola e na sociedade.

A escola tem historicamente ignorado a polifonia de vozes e culturas que formam o mosaico do universo escolar. Assumir a diversidade sociocultural, buscando a ruptura com a homogeneização veiculada na sociedade, nos meios de comunicação de massa e até pouco nos livros didáticos, é tarefa de todos nas escolas, independente de ciclo, área de conhecimento ou função exercida. (SANTOS, 2008, p.121).

Não é possível continuar com uma educação bancária que ignora o aluno, sua vida, seu contexto social, suas experiências.

[...] Para que os meninos e meninas possam reconhecer suas possibilidades e limitações, saibam aceitar-se, possam entender e respeitar a diferenças possam respeitar as diferentes necessidades pessoais, sejam capazes de relacionar-se com os demais e ajudá-los, etc., deverão ter vivido situações, problemas e conflitos que tenham podido aprender a resolver com a ajuda da professora ou do professor e dos outros companheiros e companheiras. (ZABALA, 1998, p.118).

A escola precisa desenvolver trabalhos que tragam para dentro da sala de aula o que os alunos enfrentam na escola e fora dela.

2.3 O PRECONCEITO NA SALA DE AULA

A mídia tem invadido o espaço escolar e por incrível que pareça os professores não estão preparados para lidar e trabalhar com elas, pois em varias turmas tem um aluno com celular que possui roteador que produz acesso aos demais colegas ou alguém que tem acesso a internet.

Os alunos mesmo na escola, em horário de aula se mantém conectados. Os que tem acesso a internet estão sempre conversando e mostrando algo para os colegas e os que não tem internet escutam música no celular.

A sala de aula precisa oportunizar aprendizagens, reflexões, discussões e ações, propostas que facilitem e colaborem para uma sociedade que promova justiça e o direito de igualdade a todos que nela convivem, pois esse espaço tem em seu contexto, crianças, adolescentes, jovens e adultos (SANTOS, 2008). Também é possível falar e registrar a importância que deve ter o papel do professor e sua formação profissional, pois precisa saber

lidar com o que o mercado, os meios de comunicação, e as redes sociais ao qual os alunos estão inseridos e trabalhar com essa mansidão de informações que eles recebem diariamente em seu convívio dentro da escola e no seu convívio social.

...Trata-se de criar um clima em que meninos e meninas percebam que são levados em conta; em que haja espaços onde possam atuar sentindo o que fazem seus próprios critérios. São atividades em que as relações pessoais e coletivas são entendidas como vínculos de reciprocidade que fomentam a elaboração de projetos pessoais adequados às próprias necessidades e interesse em complexidade com o dos demais. (ZABALA, 1998, p. 107).

A sala de aula é um espaço em que alunos, alunas, e professores estão inseridos e cada vez mais é preciso perceber o quanto é importante trabalhar na sala de aula conceitos, meios de informação diferenciados que emergem na sociedade, não é possível ignorar o papel que as redes sociais e as mídias tem ocupado dentro da sala de aula com simples proibições, como o uso do celular por exemplo. Cada professor precisa ter claro o que é educar para a cidadania, o que pode ser trabalhado em sala de aula com os alunos que de fato colabore com seu desenvolvimento social.

Educar para a cidadania, para a participação social e política, desenvolver atitudes de solidariedade, cooperação, diálogo e respeito ao outro, como estimular hábitos saudáveis com o meio ambiente e o corpo, são horizontes propostos para todos professores e professoras do Ensino Fundamental. É possível que muitos docentes ao lerem esses objetivos dos parâmetros pensem para si mesmos que "não tem muita novidade" que "já sabíamos que temos que dar conta da formação dos educandos". Nos discursos de formatura nos falaram que em nossas mãos está a formação do futuro do Brasil e juramos ser mais do que transmissores de conteúdos, juramos sermos educadores. De fato no discurso não há novidade, nem na auto-imagem difusa que todo docente carrega. (ARROYO, 2013, p. 97).

Além disso Rosa (2004) afirma: “ que é papel da escola substituir a disciplina imposta de fora por uma disciplina interior, baseada na vida social das próprias crianças”.

As crianças, os adolescentes, os jovens, os professores, a comunidade estão mergulhados nesse contexto de conexões. Porém o vemos na escola nos dias de hoje é o que era visto em décadas passadas, o professor era dono do conhecimento e transmitia aos alunos e os mesmos recebiam passivamente sem questionar. Mas os alunos de hoje continuam enfileirados um atrás do outro, porém conectados no que de fato lhe interessa, no que chama sua atenção e o professor continua na frente dos alunos que estão em suas classes, mas poucos alunos estão de fato ouvindo as abordagens e as explicações dos conteúdos. A famosa selfie está presente todos os dias na sala de aula e presente nos status dos alunos, nas redes sociais, eles compartilham com seus amigos e até com seus ditos concorrentes nas relações pessoais e se preocupam com o número de curtidas que levam e isso faz que se sintam parte de um grupo e aceito por ele.

E o que geralmente é falado e cobrado aos alunos na sala de aula é: não usem celular na sala durante a aula, usem somente na hora do recreio. O que de fato não acontece, pois os alunos ouvem música, olham vídeos, curtem e compartilham fotos e status de páginas sociais e outras particularidades. A tecnologia esta inserida na sala de aula por meios dos celulares, ipad, iphfone, e etc. Noentando os professores precisam trabalhar com esses meios pois fazem parte da sociedade que eles participam. É o que (ALMEIDA, 2005, p. 93) fala ao afirmar que: "Estamos vivendo um novo momento tecnológico. A amplicação das possibilidades de comunicação e de inoformação, por meio de equipamentos como telefone, televisão, e o computador, altera nossa forma de viver e de aprender na atualidade". A tecnologia evoluiu e continua evoluindo e a escola não pode ficar fora desse contexto.

Os alunos na sala de aula praticam o preconceito, porém não percebem, pois não veêm em suas ações preconceito, discriminação ou racismo. Segundo Santos (2008), "a sala de aula é o espaço privilegiado para reflexão, discussão elaboração de propostas para que tenhamos uma sociedade mais justa e igualitária em todos os sentidos". O assunto precisa ser debatido, pesquisado pelos alunos para terem a oportunidade de refletir sobre o preconceito, a discriminação, o racismo e sobre como suas ações podem estar ou não envolvidas com esses temas.

[...] Ser professora ou professor exigia o domínio de cada área do conhecimento, suas teorias e metodologias de ensino e exigia também o conhecimento de vínculos entre cada ciência, a produção de conhecimento, a dinâmica social, os interesses de classe, as estruturas de poder. Ser um profissional do conhecimento exigia mais que ser um bom transmissor dos

saberes escolares fechados, gradeados e disciplinados. Muitos docentes de Educação Básica incorporam essa visão ampliada de sua docência. (ARROYO, 2013, p. 87).

Para aproveitar o interesse e o desenvolvimento com sucesso do projeto com os alunos pelo assunto: preconceito, nada melhor que utilizar a mídia que tem proibição na escola o celular, que tira foto, que grava áudio, que recebe e envia informações etc. E através do projeto garantir a discussão e reflexão sobre o preconceito, um assunto que vai além da sala de aula, ultrapassa os muros, porque ele também acontece na sociedade em cada sujeito esta inserido colaborando com o desenvolvimento do processo de cidadania dos alunos.

A listagem dos objetivos do Ensino Fundamental repetida em cada volume dos PCNs dá centralidade à formação de capacidades abertas como cidadania, participação social e política; exercício de direitos e deveres, valores, atitudes, condutas, identidade nacional e pessoal; respeito às diversidades, autoconfiança; desenvolvimento das capacidades do educando, afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social; capacidade de utilizar as diversas linguagens: verbal, musical, matemática, gráfica, plástica, corporal, para expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais; capacidade de intervir pelo uso do pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, etc. (ARROYO, 2013, p. 96).

A escola precisa colaborar com o desenvolvimento de cada aluno, sua cidadania, e a discussão sobre preconceito coloca em evidência assuntos como discriminação e racismo que ocorrem na escola e fora dela, na comunidade local, na sociedade, em vários países do mundo, pois:

Essas dimensões da formação humana da infância e adolescência não virão como acréscimo do domínio da lectoescrita, das contas ou dos conteúdos de cada disciplina. Se continuarmos com uma imagem de professor (a) competente apenas nos conteúdos tradicionais, pensando que o resto virá por acréscimo, esses objetivos tão proclamados não acontecerão. Trata-se de outro foco, o desenvolvimento pleno do ser humano em suas múltiplas capacidades e linguagens, a construção de identidades e diversidades. Um campo novo ainda velho, para o qual não se consideram preparados os docentes, porque de fato não foram. (ARROYO, 2013, p. 98).

É na escola que o aluno terá oportunidade de vivenciar novas aprendizagens que o levarão a viver zelando pelo direito do outro e o cumprimento de seus deveres para viver num país laico e pluralista como o Brasil.

Os professores e os alunos passam a ser parceiros solidários que enfrentam desafios a partir das problematizações reais do mundo contemporâneo e demandam ações conjuntas que levam a colaboração, à cooperação e a criatividade para tornar a aprendizagem colaborativa, crítica e transformadora. (ALMEIDA, 2005, p. 76).

Essas aprendizagens capacitam e estimulam o aluno a exercer seu papel de cidadão na sociedade que vive respeitando e interagindo com a diversidade cultural e religiosa num país laico. No processo de construção do conhecimento o diálogo e o respeito a opinião do outro são fundamentais na relação interpessoal dos alunos envolvidos. Isso deve ser praticado para poder de fato ser vivenciado entre os alunos. Porque eles debatem, interagem, exploram imagens, situações, socializam suas vivências e isso provoca e ocasiona uma construção de conhecimento ativo no aluno. Como afirma (ALMEIDA, 2005, p. 93) quando dá sua conclusão sobre diálogo: "[...] deve contemplar um espaço aberto ao diálogo, para a busca incessante do novo, do desejo de pesquisar e tornar-se autônomo e produtivo".

O preconceito quando estudado, dialogado, pesquisado provoca nos alunos um comportamento crítico a sua prática.

2.4 O PRECONCEITO NAS FESTAS DA ESCOLA

As festas da escola, Junina ou Julina e da Família, são marcadas por ter maior participação dos pais, responsáveis e comunidade. A comunidade, os pais e os responsáveis participam como pais ou parentes dos alunos da escola.

Normalmente as professoras trabalham com mais de uma turma, por isso organizam os trabalhos e apresentações com as turmas que realizavam atividades em sala de aula. No entanto os alunos faziam distinção entre uma turma e outra. Não queriam fazer apresentação com esta ou aquela turma ou pessoa. E isso ocorria em mais de uma turma, e tanto em meninas como em meninos. Além disso os ensaios das apresentações eram realizados em dias e horários de aula, mas nem todos os alunos compareciam no dia da apresentação, por isso todas as turmas da disciplina de Ensino Religioso e Diversidade realizavam à

apresentação. Assim todos os alunos que comparecessem no dia da festa realizassem a apresentação. Isso é confirmado quando Silva diz:

No sistema escolar, encontramos outro micromundo, uma subdivisão denominada universos dos estudantes. Infelizmente em grande parte das escolas, sejam elas públicas ou particulares, deparamo-nos com uma hierarquia que quase reproduz os sistemas de castas das sociedades mais desiguais. No mundo dos estudantes, três classes costumam se distinguir de forma bem marcada: os populares, os neutros e os excluídos. (SILVA, 2010, p.79)

Nas apresentações os alunos ficavam encabulados, com vergonha e muitas vezes não conseguiam ou não queriam se apresentar e outros não compareciam no dia. E as vezes alunos que não interagiam nos ensaios na sala de aula, demonstrando timidez, se manifestavam com outra postura, pois pegavam o microfone e falavam e os alunos que se destacavam na sala de aula chamando atenção, nestes momentos de interação ou apresentação com um público maior que o que estão acostumados não conseguiam se apresentar, ficavam tímidos. vale ressaltar o que SILVA fala sobre essa ação do sujeito.

Antes de tudo, é fundamental compreendermos que toda ação educativa é sempre complexa e exige que atentemos para vários fatores. Sendo assim ela não é influenciada pelos comportamentos individuais de quem a exerce, em especial os pais e professores. Os aspectos culturais e sociais também atuam profundamente no processo educativo e sobre a base biopsicológica de cada indivíduo. Cabe a sociedade, dentro desse contexto transmitir as novas gerações valores e modelos educacionais nos quais os jovens possam pautar sua caminhada rumo a vida adulta rumo a vida adulta de cidadão ético e responsável.(SILVA, 2010, p. 57)

Geralmente nestas festa os alunos não se percebiam enquanto parte da escola como um todo, faziam distinção entre eles mesmos, reclamavam, mas não agiam de maneira que pudesse ser alterada, transformada a realidade, pois contribuíam com a manifestação do preconceito entre uma turma e outra, entre um aluno e outro.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta monografia é baseada na pesquisa qualitativa bibliográfica, ou seja, com referencial teórico e um estudo de caso que analisa como é importante trabalhar temas como o preconceito que levem os alunos a refletir sobre suas ações, sobre o que veem nos meios de comunicação e informação. E como as mídias na sala de aula podem colaborar com o processo de ensino aprendizagem dos alunos e desenvolvimento da cidadania dos sujeitos envolvidos no projeto "Combate ao preconceito".

Por meio de um estudo de caso foi analisado o desenvolvimento do projeto e como foi utilizado mídias na sala de aula, mesmo sem os alunos terem acesso a internet e computador na escola. Os alunos utilizaram seus próprios celulares, e computadores de casa para realizar o trabalho em sala de aula numa escola pública de Cachoeirinha.

A pesquisa foi realizada com duas turmas de oitavo ano e através de referencial teórico analisado a construção do conhecimento dos alunos na prática pedagógica do professor ao utilizar a aprendizagem baseada em projeto, PBL, para desenvolver as atividades de sala de aula. Mas o que é de fato PBL, no próximo capítulo aprofundaremos sobre o assunto.

4 PBL (*PROJECT-BASED LEARNING*)

A educação de hoje precisa ser vista com um novo olhar que leve em conta a aprendizagem do aluno, como ela se concretiza na vida do aluno e como ele pode auxiliar no processo de construção do conhecimento, com atividades que revelem as ideias, as vivências num processo de criação e investigação que contribuam com seu processo de cidadania.

O século XXI apresenta a PBL, como uma estratégia de ensino com aprendizagem baseada em projetos, uma aprendizagem, que exige mais dos alunos e professores para garantir seu funcionamento, pois o aluno elabora, participa, investiga, reflete. Nesse método o foco da aprendizagem do projeto baseia-se em questões importantes e realistas que são abordadas e que conduzem o aluno por um caminho planejado que permite a investigação de uma questão centrada no aluno e o professor é um treinador e facilitador (BUENO, 2008).

O PBL deve ser planejado com atividades e objetivos definidos claramente para ser desenvolvidos com autonomia pelo aluno, pois exercita a mente, coloca em questão a história de vida com semelhanças e diferenças que interagem nas relações interpessoais onde os conceitos são aprendidos e são úteis e aplicados dentro e fora da sala de aula, o projeto deve manter durante todo o processo o interesse dos alunos de forma concreta e não superficialmente porque o aluno investiga, interpreta, troca ideias que criam novas ideias.

Para aprender é indispensável que haja um ambiente adequados, construídos por um marco de relações em que predominam a aceitação, a confiança, o respeito mútuo e a sinceridade. A aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o trabalho e o esforço. É preciso dar um ambiente seguro e ordenado, que ofereça a todos os alunos a oportunidade de participar, num clima com multiplicidade de interações que promovam a cooperação e a coesão do grupo. Interações essas presididas pelo afeto, que contemplam a possibilidade de se enganar e realizar as modificações oportunas; onde convivam a exigência de trabalhar e a responsabilidade de realizar o trabalho automaticamente, a emulação e o companherismo, a solidariedade e o esforço, determinadas interações que gerem sentimentos de segurança para formar no aluno uma percepção positiva e ajustada de si mesmo. (ZABALA, 1998, p. 100).

A PBL tem como destaque uma aprendizagem ativa, porque os alunos investigam, pensam, refletem, esboçam e criam hipóteses, interpretam, participam do processo de construção do conhecimento, aprendem a trabalhar em grupo e realizam tarefas comuns,

através dela o aluno é envolvido e desafiado o que oportuniza e desenvolve a responsabilidade.

A elaboração do conhecimento exige o envolvimento pessoal, o tempo e o esforço dos alunos, assim como ajuda especializada estímulos e afeto por parte dos professores e dos demais colegas. Ajuda pedagógica ao processo de crescimento e construção do aluno para incentivar os processos que experimenta e superar obstáculos que encontra. (ZABALA, 1998, p. 97).

Na realidade a PBL coloca em evidência a participação do aluno na construção do conhecimento e além disso o professor tem um papel diferente, ou seja, não é apenas um transmissor de conhecimento, ele acaba gerenciando, direcionando o desenvolvimento de maneira que garanta o andamento e a participação dos alunos.

[...]o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam buscar, descobertas, compreensões e reconstruções do conhecimento. Portanto o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio de transmissão de informações - que tem como centro do processo e atuação do professor - para criar situações de aprendizagem cujo o foco incida sobre as relações que estabelecem nesse processo cabendo ao professor realizar mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo a partir das relações criadas nessas situações. (ALMEIDA, 2005, p. 93).

Esse é o grande diferencial no papel do aluno e do professor no desenvolvimento do projeto.

A avaliação também tem seu destaque, pois desde a construção do projeto; a avaliação é pensada, e apresentada aos alunos para concentrarem no desempenho do processo de desenvolvimento do projeto.

[...] a maneira de ver o aluno e avaliá-lo é essencial na manifestação do interesse por aprender. O aluno encontrará o campo seguro num clima propício para aprender significadamente, num clima em que valorize o trabalho que se faz, com explicações que o estimulem a continuar trabalhando, num marco de relações em que predomine a aceitação e confiança, num clima que potencializa o interesse por empreender e continuar o processo pessoal de construção do conhecimento.(ZABALA, 1998, p. 96).

Não tem como negar que a melhor maneira de aprender é valorizar o processo e a participação e o mesmo acontece com a avaliação, pois ela tem objetivos que levam a cooperação, atuação, e reflexão dos alunos.

5 ESTUDO DE CASO DO PROJETO “COMBATE AO PRECONCEITO”

A professora de Ensino Religioso e Diversidade trabalhava com turmas de 6º, 7º e 8º do Ensino Fundamental da Educação Básica observou a maneira como os alunos se comportavam e se relacionavam entre as turmas. E concluiu que havia entre elas muitas divergências que as vezes criavam conflitos que necessitavam de intervenções realizada pelos professores, pela orientação e supervisão da escola para serem resolvidos. Isto ficava claro principalmente nas festas da escolas durante as apresentações das turmas, parecia que havia uma disputa de poder e rejeição entre as turmas e os alunos.

Numa ocasião, festa da família, os alunos de Ensino Religioso e Diversidade não queriam apresentar-se junto com alunos de outra turma do mesmo ano. Depois de muita conversa com seus alunos, ela conseguiu um número representativo dos que estavam presentes para apresentação. Mas mesmo assim teve alguns alunos que se apresentaram contrariados e outros que não quiseram se apresentar. No turno da manhã ela não trabalhava apenas com duas turmas na escola, as de 1º e 9º ano, por esse motivo nos dias festivos e apresentações sempre organizava a apresentação com mais de uma turma. Porque geralmente as apresentações e as festas eram organizadas nos sábados letivos, onde havia pouca representação dos alunos. Os ensaios da apresentação ocorreram sempre nos períodos da sua aula, onde a maioria dos alunos participavam; em algumas turmas os alunos tímidos não participavam, mas observavam. No entanto um número pequeno de alunos compareciam no dia da apresentação, por esse motivo sempre procurava unir as turmas que trabalhava para fazer a apresentação.

Por isso ela escolheu duas turmas para desenvolver o projeto “ Combate ao preconceito”, as turmas 81 A e a 82 A. As duas tinham dois periodos consecutivos, noventa minutos, de aula de Ensino Religioso e Diversidade durante a semana. Durante o terceiro trimestre essas turmas realizaram um trabalho diferenciado, o projeto, onde elas teriam um período de aula com conteúdos de Ensino Religioso e Diversidade e outro período para desenvolver o projeto “ Combate ao preconceito”.

Em geral o tempo parece ser intocável, já que os períodos de uma hora determinam o que é que se tem que fazer e não o contrário. Apesar de que não exista nenhum estudo científico que conclua que a hora é o melhor tempo para aprender, a distribuição horária em frações homogêneas exerce

uma forte pressão sobre as possibilidades de atuação na aula. Muitas das boas intenções podem fracassar se o tempo não for considerado como uma autêntica variável nas mãos dos professores, para utilizá-la conforme a necessidade educacionais que se apresentem em cada momento.(ZABALA, 1998, p. 134).

Os períodos foram divididos assim para ter um momento onde os conteúdos da disciplina eram aplicados com a turma e outro período onde discussões e partes do projeto eram desenvolvidos para tornar a aula mais dinâmica e atrativa aos alunos.

Uma das turmas, a 82 A, tinha seus períodos de aula na quarta-feira, dia de reunião pedagógica da escola, ou seja, tinham aula até as 10:00 horas da manhã. Nesse dia a turma tinha um alto índice de ausência dos alunos, pois tinham que levantar cedo, ir a escola e ter aula até as 10:00 horas apenas. Com o andamento do projeto nesta turma a frequência dos alunos aumentou, pois o desenvolvimento do trabalho dependia da atuação deles e não da atuação ou conteúdo do professor.

Gradativamente frequência dos alunos foi aumentando devido ao envolvimento deles com o projeto. Um dos momentos que causou muita ansiedade nos alunos foi a entrevista e também foi um dos momentos em que demonstraram mais dificuldade, pois deveriam organizar uma entrevista, para saber como os alunos da escola viam, sentiam o preconceito na escola e na sua vida. O projeto foi desenvolvido nas duas turmas com divisão de grupos fixos oportunizando aprendizagens, trocas, socializações e divisão de tarefas do trabalho que seria realizado.

Além das trocas de natureza social que possibilita o desenvolvimento em direção à autonomia moral, deve-se considerar as trocas de natureza intelectual, pois no momento em que os integrantes interagem, compartilham ideias e informações que possibilitam sucessivos processos de equilíbrio rumo à autonomia intelectual. (ROSA, 2004, p. 118).

Esta turma era composta por vinte e nove alunos na chamada, dos quais três alunos foram transferidos, restando treze meninos, e treze meninas.

Nela havia grupos de afinidade dos quais sentavam perto um do outro, realizavam trabalhos juntos, assim como também havia alunos descomprometidos com os estudos, mas mesmo assim eles não eram rejeitados pela turma. Essa turma tinha um alto índice de ausência na quarta-feira, dia da aula de Ensino Religioso, porque era no mesmo dia da reunião pedagógica da escola. O que com o desenvolvimento do projeto mudou radicalmente, pois os alunos começaram a ir na aula, realizar as atividades desenvolvidas e o projeto. Estavam sempre dispostos a realizarem as atividades em sala de aula e ansiosos para realizarem a entrevista com as outras turmas. Cada grupo tinha uma expectativa de como seria a entrevista, quem eles entrevistariam.

Uma das atividades que levou mais tempo foi a elaboração da entrevista, tiveram bastante dificuldade em criar as perguntas. Mesmo depois de várias discussões sobre o preconceito eles continuavam necessitando de auxílio para elaboração das perguntas. Uma pergunta era comum em todos os grupos " O que é preconceito?" o combinado era que cada grupo elaborasse pelo menos cinco perguntas. Alguns exemplos de perguntas que os alunos elaboraram: " Você já sofreu preconceito?, Como foi esta experiência?, Já vivenciou alguma cena de preconceito com outras pessoas?, Como é possível termos um mundo sem preconceito? " Outra atividade que surgiu nesta turma foi a música na sala de aula, pois eles reclamaram de proibições e proibições que existiam na escola e que não tinham espaço para ouvir e tocar suas músicas. Como no projeto uma das atividades era a escolha de uma música para ser colocada como fundo musical no vídeo ou no slide, foi aberto um espaço nas aulas com a combinação que o início de nossas aulas seria com música, mas deveriam cuidar para não ter nada que fosse indecente na escola, onde eles escolheriam a música e tocariam na aula. Esta atividade foi bastante satisfatória pois eles conseguiram se organizar, escolher a música, trazer o instrumento musical, violão, e os demais acompanhavam cantando.

Os alunos das duas turmas conseguiam debater sobre o assunto e sempre procuravam explicar com exemplos de suas vidas a maneira que haviam vivenciado o preconceito, gradativamente a motivação estava presente no desenvolvimento do projeto.

A motivação consiste, então numa necessidade interna que origina o esforço a ser empregado numa atividade que permite estrutura de conhecimento funcionar. A atividade intelectual que resulta dessa necessidade é sempre dirigida para objetos ou eventos que venham restabelecer o equilíbrio interno. (ROSA, 2004, p. 118).

Os alunos das duas turmas desenvolveram habilidades de trabalhar em grupo, de fazer reflexões sobre o que acontecia com o outro, ao ouvir como seus próprios colegas se sentiam e o quanto sofriam com o preconceito de um colega da própria turma ou de alunos de outra turma da escola.

A autonomia intelectual referida por Piaget é representada pelo próprio desenvolvimento cognitivo que desenvolve a aquisição do instrumental lógico-racional que possibilitará ao sujeito compreender o meio com o qual interage e responder adequadamente às exigências desse meio.(ROSA, 2004, p. 114).

Eles conseguiram compreender a diferença entre uma agressão física e uma agressão verbal, o que é preconceito, racismo e discriminação e o que muitas vezes era despercebido em suas ações passou a ser refletido pelos alunos com um novo olhar.

Vamos supor a existência de um grupo cultural onde por alguma razão, nunca tenham visto aviões. Se a um indivíduo desse grupo cultural for mostrado pela primeira vez, um avião, ele não terá condições de interpretá-lo, com tal; não disporá da apresentação simbólica, do instrumental psicológico que permite a compreensão desse objeto. É a partir de sua experiência com o mundo objetivo e do contato com as formas culturalmente determinadas de organização real (e com os signos fornecidos pela cultura) que os indivíduos vão construir seus sistemas de signos, o qual consistirá numa espécie de "código" para decifração do mundo. (OLIVEIRA, 1993, p. 36).

Através das experiências dos próprios colegas os alunos perceberam como o preconceito, o racismo e a discriminação estava presente em suas vidas, na escola, na sala de aula e na comunidade local, pois não estavam acostumados a refletirem sobre sua fala e suas ações com relação ao outro. Por isso é importante trabalhar com os alunos temas relevantes que estejam presente dentro e fora da sala de aula, para colaborar com seu processo ao desenvolvimento de sua cidadania.

Isto é, quando Vygotsky fala em cultura não esta se reportando apenas fatores abrangentes como o país onde o indivíduo vive, seu nível sócio-econômico, a profissão de seus pais. Está falando, isto sim, do grupo cultural como fornecendo ao indivíduo um ambiente estruturado, onde todos os elementos são carregados de significados. Toda a vida humana esta

impregnada de significações e a influência do mundo social se dá por meio de processos que ocorrem em diversos níveis. (OLIVEIRA, 1993, p. 37).

Durante os debates e as conversas os alunos relataram situações que viveram, sofreram preconceito e os que ouviam muitas vezes se surpreendiam com o sofrimento que isto causava, relatavam como ficavam seus amigos que sofriam preconceito, os sentimentos que sentiam com relação ao outro, o que praticou o preconceito, que muitas vezes provocava ódio, revolta e rejeição a essa pessoa.

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar interiorizar as formas culturalmente estabelecida de funcionamento psicológico. Portanto, a interação social, seja através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. (OLIVEIRA, 1993, p.38).

A interação dos alunos oportunizou troca de vivências que estimularam a refletir, a perceber o outro como um ser humano com sentimentos que pode ser diferente ou igual ao seu. As diferenças que existiam entre eles que outrora provocava a prática do preconceito passou a ser vista e praticada com respeito, não que tivesse abolido, que tivesse aniquilado, mas houve um alto índice de consciência do preconceito e suas consequências. Conforme Oliveira (1993) afirma: “A vida social é um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um”.

É importante que cada um fale de si mesmo, como se sentiu realizando esta ou aquela atividade, facilidades e dificuldades encontradas, sensações de prazer e desprazer corporal, já que a tendência é falar dos outros ou do grupo. Quando mais limitações tem o indivíduo, mais dificuldades tem de falar de si mesmo. (NEGRINE, 1994, p. 40).

No começo os alunos demonstraram dificuldade de falar dos problemas relacionado ao preconceito e como cada um havia vivenciado situações particulares e pessoais, mas com o tempo, com o diálogo, se criou uma intimidade com o grupo e com a turma, pois não acontecia de maneira inédita apenas com uma pessoa, ou seja, alguém já havia passado por uma situação semelhante, o que oportunizava uma troca de experiência e socialização com a turma. Negrine (1994), confirma esta afirmação quando diz: “Essa prática deve ser realizada como processo, uma vez que no início a maioria das pessoas apresentam grandes dificuldades

para falar de si, e somente quando isso começa a ocorrer é que a formação começa atingir seus objetivos”.

O projeto nas duas turmas teve como motivação o filme " O primeiro aluno da classe" uma história verídica, de um homem, Brad, que procura emprego como professor, onde ele tem ótimas recomendações para desempenhar a função, bacharelado em faculdade nomeada, porém Brad mesmo com formação e capacitação sofria preconceito devido a uma síndrome que possuía, a Síndrome de Tourett, movimentos incontrolláveis que emite sons, como espirros descontroláveis, uma desordem neurológica. Ele persistia em seu objetivo e desejo de ser professor, não desistia de seu sonho. O filme mostra a história de sua infância, vários momentos na escola e um que marcou sua vida, a ação de um diretor, conflitos da família, e seu relacionamento com Nancy, uma namorada ao qual a acaba se casando, e centra na busca do seu primeiro emprego como professor e na sua prática pedagógica. Mostra ele realizando muitas entrevistas para conseguir um emprego como professor e apenas uma escola lhe oferece a oportunidade de trabalho, porém neste lugar também ocorre preconceito de um pai, que troca sua filha de turma devido a síndrome do professor. Nela ele conquista o prêmio de melhor professor do ano do estado.

Depois que os alunos assistiram ao filme, que mexe com a emoção e sentimentos dos alunos(ALMEIDA, 2005, p.119), foi realizado debates sobre o assunto, preconceito, sobre alguns momentos em que ocorreram preconceito no filme, como as pessoas que sofreram preconceito ficavam, como elas viam o preconceito em suas vidas, etc... Os alunos falaram de como sofreram preconceito, como se sentiram, sobre os sentimentos e como poderiam colaborar para evitar esse tipo de ação. Uma das coisas que foi relevante foi a impressão, a revolta, o sentimento de tristeza que eles sentiram ao ver as cenas em que Brad sofria preconceito.

Foi trabalhado em sala de aula perguntas sobre o filme e frases que o professor falava ao seus alunos como por exemplo: " Poucas palavras e um pouco de educação e foi como abrir uma porta para um mundo novinho em folha" , nesse momento do filme o diretor de sua escola viu ele de forma diferente, "Então algum dia eu sabia que com Tourett ou sem Tourett eu sabia que seria professor", mostrava sua persistência e foco no seu objetivo, "Eu encaro isto como um desafio não acredito que seja impossível, sabe todos podem aprender, você só tem que descobrir a maneira certa de ensinar", quando um aluno seu tinha dificuldade de aprender e ao mesmo tempo o rejeitava.

As interações do ato de conversar podem minimizar as discordâncias ou pelo menos transformam as emoções discórdantes em emoções mais atenuantes, desde que os membros envolvidos na interação estejam predispostos para harmonizar suas relações. O conversar, por sua vez, decorre de uma rede de coordenações consensuais entre a linguagem e o emocional. (TAJRA, 2012, p. 189)

Essa prática de conversar foi realizada na cena do filme descrita acima e também na sala de aula com os alunos que realizavam o projeto. E através dela foi possível interagir com mais praticidade sobre a problemática do preconceito na escola. Realizamos debates, discussões, sobre estas frase, sobre as falas que os alunos relatavam e após realizávamos uma conclusão com frases ou trabalho escrito sobre o tema preconceito e sobre suas ideias.

A partir deste filme foi trabalhado o conceito preconceito, seu significado e na sala de aula foi possível perceber e sentir intimidade nas relações com sentimentos, desabafos, e momentos de descontração com histórias engraçadas. A aula se tornou prazerosa e o tempo não era visto passar.

Com a turma 81 A, foi realizado o mesmo projeto, eles também reclamaram do espaço da música na sala de aula, porém marcaram, se comprometeram de trazer a música, de fazerem apresentações, mas não cumpriram o combinado. E cobravam sempre um dos outros, alguns alunos tinham instrumentos, tocavam em casa, mas tinham vergonha de tocar na sala de aula.

Essa turma tinha vinte e oito alunos, treze meninos e quinze meninas, destes dois meninos e uma menina eram evadidos, alunos que não justificaram o motivo do abandono a escola. Ela também tinha grupos fechados de meninos e meninas, que se relacionavam por afetividade e afinidades, alunos que se aplicavam mais aos estudos e alunos que não se empenhavam nos estudos. Nessa turma um aluno sempre agia com palavras e frases de preconceito e racismo, ele era negro, falava e fazia deboches como " coisa de negão, tinha que ser negro mesmo", não tinha uma aula que ele não falasse ou desse uma piadinha sobre racismo.

Por mais que a professora de Ensino Religioso e Diversidade falasse e intervisse no assunto ele sempre dizia que estava brincando, que isso era normal, que todo mundo fazia, além dele tinha outro aluno negro na turma, os dois viviam fazendo brincadeiras um com o outro, mas apenas um zombava com relação a raça. Apesar de não reclamar era notório sua indignação. O que falava as frases que incenuava racismo, durante os debates sobre

preconceito, relatava como sofria, que não gostava, que tinha raiva, porém quando ele fazia ou falava, dizia que era apenas uma brincadeirinha, não via maldade em suas palavras e ações.

Nas aulas de Ensino Religioso e Diversidade os alunos das duas turmas sentavam em grupos que eles mesmos organizaram. Na escola havia sete turmas que deveriam ser entrevistadas pelos alunos do oitavo ano. Para não haver conflito entre os grupos e organizar as entrevistas a professora realizou sorteio das turmas que os grupos entrevistariam. Durante as aulas foi dividido o tempo, metade com conteúdos do III trimestre de Ensino Religioso e Diversidade, e metade com o desenvolvimento do projeto "Combate ao preconceito", onde a turma trazia de casa o que haviam pesquisado em casa sobre preconceito, notícias do jornal, imagens sobre preconceito, frases, músicas que tratavam sobre preconceito, discriminação e racismo.

A turma 81 A também encontrou dificuldades na elaboração das perguntas, nessa atividade os alunos deveriam fazer cinco perguntas para entrevistarem os alunos de outra turma. A professora combinou com a turma que todos os grupos fariam a entrevista no mesmo dia, e para que isso ocorresse todos deveriam estar com elas concluídas para começar a realizar a entrevista. Apesar de ser simples formular cinco perguntas eles tiveram dificuldades. Uma pergunta tinha em todos os grupos "O que é preconceito?" as demais eles criaram como: "Você acha que existe preconceito na escola?", "Você já foi vítima de preconceito?", "Que sentimentos surgem ao sofrer ou vivenciar o preconceito?". Esse foi um dos processos mais demorado do projeto, pois eles discutiram sobre o assunto e não chegavam num acordo, além disso tiveram dificuldade na concordância das palavras na elaboração das frases.

Quando as perguntas da entrevista ficaram prontas discutiram, encenaram, questionaram com seria possível realizar uma entrevista, como se portar diante de um entrevistado, como falar, etc... Foi um momento engraçado, pois os alunos tinham vergonha, debochavam um dos outros, mas de uma maneira positiva e construtiva. Um ajudava e ensinava o outro, nas encenações fizeram correções, disseram o que podia melhorar, como melhorar, o que podiam e o que não podiam fazer.

O diálogo qualificado reúne pessoas em torno do desvelamento e construção do sentido do mundo e da sustentação do que fazem, o que inviabiliza o ato de desligar a pesquisa do ambiente social, enquanto ação científica e transformadora, que só pode ser desenvolvida por trocas: valores, sonhos, subjetividades, desafios à produção de alternativas de vida em cena. (BALDUINO, 2002, p. 32).

Nesse momento os alunos se depararam com o desafio de como falar com pessoas que não eram de sua turma. Enquanto dramatizaram demonstraram dificuldade de se colocar na presença do outro, de falar e de perguntar. Por isso foi necessário um treinamento que tivesse intervenção dos alunos e da professora antes da realização da entrevista.

Na reunião pedagógica da escola a professora conversou com o coletivo de professores sobre o projeto " Combate ao preconceito" mostrando como seria realizado as entrevistas e que precisava da colaboração dos demais colegas, todos foram acessíveis e permitiram que a entrevista se realizasse, pois necessitava que os alunos que seriam entrevistados saíssem de suas aulas.

Depois das encenações das entrevistas foi realizado o sorteio das turmas que os alunos realizariam a entrevista e foi agendado o dia para realizá-la.

Os grupos organizaram como fariam as entrevistas, quem perguntaria, quem escreveria, quem gravaria o áudio, se o entrevistado permitisse. Não foi realizado vídeos das entrevistas porque a escola não tinha autorização dos alunos entrevistados.

No dia marcado os alunos arrumaram, organizaram a sala e realizaram a entrevista com as sete turmas da escola.

5.1 MÍDIAS NA SALA DE AULA

O mundo tem vivenciado cada dia mais a inserção da tecnologia em suas casas, mas como esta a escola nesse contexto, como os alunos da escola estão vivenciando e tendo acesso a informação.

Numa escola pública de Cachoeirinha uma professora de Ensino Religioso e Diversidade observou os alunos numa festa da escola, " Festa da Família", porque ela havia enfrentado dificuldades para realizar uma apresentação na festa com suas turmas devido ao preconceito que existia entre os alunos. Ela desenvolveu um projeto, " Combate ao preconceito" para poder trabalhar com seu alunos de maneira significativa o que de fato seria o preconceito. Durante o desenvolvimento do projeto os alunos tiveram receios de falar sobre o tema, no entanto com o tempo conseguiram falar, refletir e interagir com o preconceito.

Nessa escola havia laboratório de informática, porém os computadores não tinham acesso a internet e alguns estavam estragados e não havia acesso ao local. Porque a sala

somente podia ser utilizada com um monitor, profissional, da rede pública da prefeitura. No início do ano havia um monitor na escola, mas no meio do ano este saiu da escola e o número de computadores estragados aumentaram.

Para desenvolver o projeto a professora utilizou como motivação pra iniciar o debate sobre o assunto um filme. Houve varios debates sobre o filme, imagens e falas que mostravam a prática do preconceito. Para poder fazer com que o trabalho fosse mais significativo a professora começou a explorar a experiência que os alunos já haviam experimentado durante suas vidas. O que gerou aulas interessante aos alunos, pois perceberam através de suas vivências e experiências de seus colegas como o preconceito estava presente em suas vidas e como ele era praticado na escola e na sala de aula.

Para conhecer, é necessário interagir, realizar trocas, conversar, utilizar a linguagem com seus símbolos, sentir emoção e usar a razão. Tudo isso está intrincado como resultado de um processo sistêmico e completo que envolve a totalidade. (TAJRA, 2012, p. 190). O preconceito se apresentava com clareza diante da realidade dos alunos e provocava reflexão e revolta ao mesmo tempo ao ver o sofrimento do colega que sofria preconceito.

Como na escola não havia acesso a sala informática e alguns alunos tinham acesso a internet através de celular , outros tinham acesso em casa, ou na casa de parentes e amigos.

"A internet traz muitos benefícios para educação, tanto para os professores como para os alunos. Com ela é possível facilitar pesquisas, sejam em grupos ou individuais, e o intercâmbio entre os professores e alunos, permitindo a troca de experiências entre eles" (TAJRA, 2012, p.126). Durante as aulas a professora aproveitou a habilidade dos alunos e o acesso a informação que eles tinham nos celulares, nas suas casas, em seus próprios computadores. Por isso é muito importante a opinião do autor ao falar que: "Vale resaltar que muitos alunos tem uma prática de manuseio das novas tecnologias e jogos. São as gerações " tecnológicas". A escola precisa urgentemente aliar esses recursos, utilizando-os para provocar atividades significativas de aprendizagens. (ALMEIDA, 2005, p. 119).

A professora pediu para os alunos pesquisarem sobre o conceito, coletarem imagens sobre preconceito, escolherem uma música para elaborarem um vídeo ou uma apresentação de conclusão do trimestre. A ideia foi bem aceita pelas duas turmas de oitavo ano e durante o terceiro trimestre desenvolveram o projeto. Para se realizar um vídeo ou um filme é preciso ter claro que ele é composto por duas etapas: o concepção e o da realização. Isso quer dizer

que o aluno vai fazer a elaboração do conteúdo e transformara essa informação em imagem audiovisual. (ALMEIDA, 2005, p. 121).

As duas turmas ficaram em grupos durante as aulas e na hora do projeto, os componentes do grupo mostravam uns aos outros o que haviam conseguido pesquisar fora da escola e socializavam com a turma.

A grande dificuldade das turmas foi realizar a entrevista, pois deveriam formular perguntas para fazerem as demais turmas da escola para saber como o preconceito estava inserido no contexto escolar, como os alunos vivenciam o preconceito na sala de aula. Varias aulas foram utilizadas para esse processo. Depois que as perguntas ficaram prontas, foi realizado a dramatização de como seria realizar uma entrevista.

A entrevista foi organizada e realizada na escola pelos alunos com os alunos de outras turmas. Cada grupo organizou o que cada componente faria. Durante a entrevista os alunos utilizaram o celular para gravar o áudio da entrevista. E se sentiam entusiasmados ao realizarem a entrevista, pois gostaram de fazer.

As informações são selecionadas e contextualizadas segundo as necessidades e os interesses momentâneos do grupo, permitindo estabelecer múltiplas e mútuas relações e recursos, atribuindo-lhes um novo sentido, que ultrapassa a compreensão individual. (ALMEIDA, 2005, p. 71).

Depois que realizaram a entrevista os alunos relataram suas experiências e compartilharam com a turma, as falas dos alunos, ouviram os áudios das entrevistas.

A partir das entrevistas, os alunos elaboraram em sala de aula com as imagens, as músicas, as frases, e os conceitos coletados em casa sobre preconceito como seria montado um vídeo ou uma apresentação para conclusão do trabalho. Os grupos que realizaram o vídeo tiveram que montar em casa, mas o planejamento foi realizado em sala de aula.

... A exigência de tornar o aluno um competente produtor de seu próprio conhecimento implica em valorizar a reflexão, a ação, a curiosidade, o espírito crítico, a incerteza, a provisoriedade, o questionamento e, para tanto, exige que o professor reconstrua a prática conservadora que vem desenvolvendo na sala de aula. Os ambientes educativos devem ter como foco central a autonomia, a criatividade e o espírito investigativo. Com esse desafio presente, o professor precisa optar por metodologias que contemplem o paradigma emergente, a partir de contextualizações que busquem levantar situações problemas, que levem a produções individuais e

coletivas e as discussões críticas e refletivas especialmente que levem a aprendizagem colaborativa. (ALMEIDA, 2005, p. 77).

A construção dessa etapa exigiu planejamento, organização e diálogo entre os componentes de cada grupo, pois necessitavam ter o planejamento do seria apresentado em forma de vídeo, cartaz, ou apresentação. Como seria a realização, com o que fariam e o papel de cada componente do grupo na apresentação final do trabalho. Isso oportunizou autonomia dos alunos no desenvolvimento do projeto, na atuação e na apresentação para a turma e na construção do conhecimento de cada integrante do grupo.

A aprendizagem é um processo de construção do aluno - autor de sua aprendizagem -, mas nesse processo o professor, além de criar ambientes que favorecem a participação, a comunicação, a interação e o confronto de ideias dos alunos, também tem sua autoria. Cabe ao professor promover o desenvolvimento de atividades que provoquem o envolvimento e a leve participação do aluno, assim a interação gera a co-autoria e a articulação entre informações e conhecimentos, com vista a construir novos conhecimentos que levem a compreensão do mundo e à atuação crítica no contexto. (ALMEIDA, 2005, p. 72).

Cada grupo teve que se organizar como fariam sua apresentação, os componentes tiveram que dialogar, demonstrando seu amadurecimento e sua relação interpessoal ao organizar cada etapa do trabalho para apresentar para a turma.

... Além disso, o trabalho por projetos não é solitário, ele exige uma postura colaborativa entre as pessoas envolvidas. o projeto constitui-se em um trabalho em grupo, de formação de um time, em que as pessoas, cada qual com seus talentos, se relacionam em direção a um alvo comum. Essa visão de trabalho em equipe é fundamental para lidarmos com a complexidade dos problemas existentes ao nosso redor e com os desafios impostos pelos avanços tecnológicos. (ALMEIDA, 2005, p. 57).

No final do trimestre os alunos apresentaram seus trabalhos com vídeos, com cartazes, e com apresentações conforme haviam planejado.

A prática e utilização do celular, um recurso das Tecnologia de Informação e Conhecimento conhecida como TIC, oportunizou uma aprendizagem significativa aos alunos de oitavo ano. "As novas tecnologias facilitam a nossa vida e nos colocam num meio de

informação" (TAJRA, 2012, p. 211). Elas criam uma nova organização social. E porque não dizer que a partir dela é possível ter uma nova prática pedagógica na sala de aula. Os demonstravam motivação no desenvolvimento do projeto, isso ficou mais claro com a turma 82A, que tinha aula nas quartas-feiras com alto índice de faltas. O envolvimento dos alunos com o trabalho mudou essa realidade e isso foi graças ao uso das mídias nas atividades desenvolvidas. E com a turma 81A, não foi diferente, pois aquele aluno que praticava preconceito em sua fala, conseguiu refletir e diminuir essa ação pensando mais no seu colegas e nos outros.

Por meio de interações favorecidas pelas TIC, cada participante do grupo confronta suas unidade de pensamento com a universalidade grupal, navega entre informações para estabelecer ligações com conhecimentos já adquiridos, comunica a forma como pensa, coloca-se aberto para compreender o pensamento do outro e, sobre-tudo, participa de um processo de construção colaborativo, cujos produtos decorrem da representação hipertextual, comunicação, conexão de ideias no computador, levantamento e teste de hipóteses, reflexões e depurações. (ALMEIDA, 2005, p. 72).

Os alunos que participaram e desenvolveram o projeto " Combate ao preconceito" foi oportunizado uma aprendizagem significativa, pois eles participaram do processo de construção do conhecimento ao interagirem em cada etapa do projeto.

6. CONCLUSÃO

Ao realizar a pesquisa que analisa um estudo de caso de uma professora de Ensino Religioso e Diversidade que utilizou uma metodologia de ensino, aprendizagem baseada em projetos a "PBL", foi possível compreender como é realizado o processo de construção do conhecimento. Que oportuniza ao aluno participação e atuação crítica e produtiva do aluno na construção de seu conhecimento. Favorecendo o amadurecimento das relações interpessoais entre os alunos da turma e com os demais alunos da escola.

Em cada etapa do desenvolvimento do projeto foi possível aos alunos demonstrarem atitude crítica com o comportamento e atitudes em que havia manifestação do preconceito na turma e na escola. Os alunos criaram uma auto-imagem de si mesmo e dos colegas que sofrem preconceito e perceberam o quanto é importante que cada sujeito tenha conhecimento, respeito, consideração, afetividade ao falar frases que são ditas como populares na sociedade. O interesse demonstrado pelos alunos ao desenvolverem o trabalho foi marcante, pois envolvia cada participante do grupo e o professor. Isso foi comprovado principalmente com a turma 82a que tinha aula nas quartas-feiras, dia de reunião pedagógica dos professores, pois havia alto índice de faltas dos alunos; porque tinham aula somente até as dez horas da manhã. Porque para que o projeto se concretiza-se era necessário a participação e atuação dos alunos e isso os envolvia em cada etapa do trabalho.

Também deve ser destacado nesse momento a importância da formação e o papel do professor na sala de aula para oportunizar esse tipo de trabalho. Uma das afirmações de Tajra, (2012, p. 98) fala que: " Um dos fatores primordiais para obtenção do sucesso na utilização da informática na educação é a capacitação do professor perante essa nova realidade educacional." Pois exige além trabalho, planejamento, organização, pesquisa, dedicação, formação pedagógica continuada e mediação do profissional para realizar essa atividade com os alunos. Ao oportunizar o uso dos celulares na sala de aula, um meio de tecnologia informação e comunicação - TIC, criou-se dentro da sala de aula um ambiente de aprendizagem significativa aos alunos. Mesmo sem ter recursos tecnológicos na escola foi possível favorecer a construção de conhecimento com autonomia dos alunos envolvidos no projeto. Nisso concordo com Almeida, 2005, p. 63, quando ele afirma que uma escola que não trabalha com internet esta contra a história da sociedade que vive conectada e ao mesmo tempo fazendo uma exclusão social ou até mesmo uma exclusão da cibercultura. Com a utilização das mídias e interação das vivências dos alunos foi possível eles perceberem como o preconceito esta presente na sala de aula, na escola e na sociedade.

Além da formação do educador presente na sala de aula, é preciso salientar o papel da família e da sociedade que educando esta inserido na formação de cidadania de cada sujeito. Pois a família é o primeiro grupo social que o ser humano participa. Através dela o ser humano aprende seus primeiros valores e recebe afeto tendo suas necessidades básicas supridas. Cada família tem seus valores, suas crenças, suas afirmações e negações, socializadas e enraizadas conforme a cultura em que viveu seus antepassados, porém é preciso saber viver em harmonia com a opinião e valores das demais famílias de uma comunidade.

A escola desempenha um papel fundamental na formação de cidadania de cada sujeito que passa por ela. Nela estão várias famílias com uma infinidade e diversidade de cultura e conhecimentos aprendidos pelos seus antepassados. Cabe a escola oportunizar a reflexão de maneira que sentido naquilo que é oportunizado na sala de aula. Ela visa favorecer a interpretação de aspectos sociais que os seres humanos estão inseridos na sala de aula e na sociedade. Para que o aluno não seja simplesmente um protagonista da história, mas que passe a exercer e praticar cidadania fazendo a história.

Para realizar a aprendizagem baseada em projetos, PBL, é necessário trabalhar problemáticas que estejam relacionadas com a vivência do aluno. Valorizando assim sua experiência e sua história. Para através dela buscar novas investigações, trocas e discussões de ideias para a partir delas formar, criar novos conhecimentos.

Como as tecnologias estão sempre progredindo, sempre será necessário novos estudos sobre a utilização das TICs na sala de aula, nessa pesquisa foi utilizado apenas o celular, o rádio, a televisão... analisando um estudo de caso. No entanto hoje existem tecnologias mais avançadas, com mais recursos e programas digitais, etc... que permitem a criação de novos projetos e trabalhos com os alunos. Um tema que será sempre atual devido ao desenvolvimento tecnológico é o uso do celular na sala de aula. Com isso acabasse-se tornando necessário outro estudo: A dificuldade das escolas para utilizar as TICs na sala de aula. Como por exemplo a utilização do celular e redes sociais como recurso pedagógico para desenvolver atividades em sala de aula. É possível falar também da formação do educador que trabalhará com as TICs na escola e na sala de aula como outro tema de estudo necessário. E para a concretização desse futuro estudo também seria necessário investimento na formação dos profissionais na área da educação para utilizarem as TICs que surgem na sociedade atual para utilizarem na sala de aula com naturalidade e conhecimento profundo.

A colaboração das mídias na sala de aula para alcançar os objetivos do projeto foi fundamental, pois visava provocar, fomentar nos alunos a discussão sobre o tema preconceito

e como interagir e refletir sobre esta problemática na escola. Estimulando ação consciente dos mesmos ao enfrentarem ou vivenciarem situações que estimulem o preconceito procurando modificar esta prática.

A mídia de telecomunicação tem mostrado várias abordagens que revelam diferentes recortes da sociedade pluralista que estamos inseridos sobre o preconceito. Os adolescentes buscam a aceitação do outro, e para estarem inseridos num grupo eles podem até passar por cima de seus próprios ideais e valores familiares aprendidos na infância. Assim confirmando o que (ALMEIDA, 2005, p. 93) diz: "...Algumas pessoas chegaram " no limite": trocaram de lado. Assumiram em suas vidas valores, hábitos e comportamentos copiados dos personagens de televisão".

Embora seja um conceito, o preconceito, está presente na família, na escola, na sociedade, na mídia, nos meios sociais e de comunicação, e em vários contextos, ele não é abordado de maneira que leve o sujeito a refletir sobre o assunto. Pois é visível que o preconceito existe carregando consigo a discriminação e o racismo. No cotidiano escolar o preconceito acontece no recreio, na sala de aula, nos corredores, por isso precisa ser trabalhado e discutido na escola de uma maneira que leve o aluno a reflexão sobre o assunto e nada melhor do que a própria vivência dos alunos, quem melhor do eles mesmos para falar sobre o preconceito que já sofreram ou que vivenciaram alguém sofrer.

Segundo Tajra, (2012, p. 102) a criança esta inserida no meio digital desde pequena pois ela afirma: " Estamos diante da Geração Net, Geração Digital, Geração Rede. As crianças já nascem lidando com brinquedos que tem botões, com circuitos eletrônicos e integrados". Cada dia estamos vivendo mais conectados e esse meio de comunicação e interação não pode ficar fora da sala de aula. Quando o celular é utilizado como meio de busca e interação na aprendizagem, ele oportuniza novas informações, trocas, além de oferecer outros recursos como fotos, audios, gravações etc... Ao invés de proibições ao seu uso, precisa ser criado estratégias de ensino que viabilize novas aprendizagens por esse recurso.

O objetivo da pesquisa é analisar através de um estudo de caso, como a prática pedagógica do professor pode incentivar a interação e a produção do conhecimento com o desenvolvimento da aprendizagem baseada em projeto, PBL. Através da questão norteadora: Como é possível perceber com ajuda de mídias o preconceito nas turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental?

O uso do celular possibilitou o acesso a informação para elaborar o trabalho e a construção do conceito sobre " O que é preconceito?" e a partir dessa construção trocas de ideias e experiências foram formuladas criando um ambiente prazeroso na sala de aula ao realizar as atividades.

Com esse trabalho é possível concluir que o uso do celular e das mídias na sala de aula oportunizaram aprendizagem significativa nos alunos oitavo ano do ensino fundamental, que participaram e desenvolveram o projeto " Combate ao preconceito". Onde os alunos participaram do processo de construção do conhecimento e elaboraram conceitos a partir de interações, debates, entrevistas, com diálogo manifesto na prática pedagógica do professor e utilização de mídias na sala de aula colaborando com o processo de cidadania na vida de cada sujeito envolvido no projeto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Biancocini., MORAN, José Manuel. Integração das tecnologias. Brasília: Seed, 2005.

Disponível em: <http://pt.slideshare.net/efantauzzi/integracao-das-tecnologias-na-educacao-31687007>

BALDUINO, Antonio Andreola[et. al.]. Educação, cultura e resistência: uma abordagem de terceiro mundista. Santa Maria: Palloti, 2002.

BUENO, Daniel. Aprendizagem Baseada em Projetos: guia pra professores do ensino fundamental e médio. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CRADY, Carmem Maria., KAERCHER, Gladis Elise P. da Silva (Org.). Educação Infantil: Pra que te quero?. Porto Alegre:Artemed, 2001.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.

Tradução disponível em:

<http://www.comitepaz.org.br/download/Declaração%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos.pdf>

Lei 7.716 de 5 de janeiro de 1989

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9459.htm

LEI Nº 9.459, DE 13 DE MAIO DE 1997

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9459.htm

HOUAISS, A., VILLAR, M. S. E FRANCO, F. M. M. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NEGRINE, Airton. Aprendizagem e desenvolvimento infantil. Porto Alegre: Prodil, 1994.

ROSA, Jorge La (org.). Psicologia da educação: o significado de aprender. Porto Alegre: EDIPUCS, 2004.

SANTOS, J. A., CAMISOLÃO, R. C., LOPES, V. N. (org.). Tramando falas e olhares, compartilhando saberes: contribuições para uma educação anti-racista no cotidiano escolar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

TAJRA, Sanmya Feitosa. Informática na educação: Novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade. São Paulo: Érica, 2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico. SP: Scipione, 1993.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Indisciplina e disciplina escolar: Fundamentos para o trabalho docente.SP:Cortez, 2009.

ZABALA, A. A pratica educativa: Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.